

O círculo mágico de Rodolfo II. Alquimia e astrologia na Praga Renascentista.

Maria Rita Guercio¹

Resenha de: MARSHALL, Peter. *The magic Circle of Rudolf II. Alchemy and Astrology in Renaissance Prague*. New York, Walker & Company, 2006.

O livro do historiador escocês Peter Marshall (1964 -) apresenta a cidade de Praga, localizada na Bacia da Boemia, como um lugar onde se reuniu importantes personalidades que fomentaram o Renascimento europeu. O livro possui um total de 267 páginas com 15 capítulos, apresentando um período durante o qual o regente e Imperador do Sacro-Império Romano, Rodolfo II, como um governante intrigante, devido ao seu grande interesse pela ciência do mundo natural, da filosofia oculta e sua incansável busca pelo conhecimento. Rodolfo II convidou as maiores mentes do período a fim de compartilhar seu conhecimento, pois partilhava com o método científico de Roger Bacon: *conhecimento é poder*. Esta também era a base de sua conduta: *“Ele estabeleceu um círculo mágico no qual convidou algumas das mentes mais criativas, originais e subversivas da época”* (MARSHALL, 2006, p. 3).

A Bacia de Praga fica no centro da Europa e a região, durante o Renascimento, foi palco do cruzamento de várias culturas, sendo lugar onde o visível e o invisível viviam conjuntamente. Praga, desde tempos remotos, era considerada uma região única, singular, lugar onde o místico era capaz de se manifestar. Devido ao seu caráter particular, Praga sempre atraiu figuras excêntricas, dissidentes, e seu próprio governante seguia os moldes dessa idiosincrasia.

Rodolfo II tinha grande interesse nos conhecimentos alquímicos, pois era obcecado pela Pedra Filosofal, a qual prometia alcançar a vida eterna, bem como transformar metais em ouro. Seu interesse também abrangia a astrologia, pois esta era capaz de predizer o futuro e para um governante, sem dúvida ambas as tradições eram capazes de sedimentar seu poder. Conforme afirma Peter Marshall:

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo. mrguercio@usp.br

“Ele estava cativado pelos praticantes de magia natural que empurravam para trás as fronteiras da ciência e clamavam serem capazes de manipular as forças escondidas da natureza. E quando a alquimia, astrologia e magia falharam, ele estava muito inclinado a usar magia negra e necromancia para atingir seus fins” (p. 4)

Marshall apresenta Rodolfo II como sendo um governante tolerante. Mesmo sendo o Imperador do Sacro-Império Romano, acolheu em seu reinado judeus e protestantes e devido ao seu livre-pensamento, o Vaticano e a Inquisição entraram em alerta, diante de sua postura condescendente. Seu interesse pelas ciências tanto ocultas quanto naturais fez com que se tornasse uma figura de destaque na transição entre o declínio medieval e o início do mundo moderno.

Rodolfo II (1552 – 1612) era filho de Maximilian II (1527 – 1576), da dinastia dos Habsburgos, uma das mais poderosas da Europa, cujo reinado abrangia várias regiões da Europa, principalmente a Áustria e a Espanha, cujas origens remontam desde século IX, com Carlos Magno. Seguindo os passos de seu pai, um homem que valorizava a arte e o conhecimento, Rodolfo também foi um colecionador incansável, amante das artes e das ciências naturais. Mais do que religioso, Rodolfo era um homem espiritualizado, pois mesmo sendo uma figura importante na Igreja Católica, tinha grande interesse na cabala e no conhecimento hermético, muito difundidos durante o período da Renascença. Na corte de Viena, Rodolfo teve contato com as maiores mentes do conhecimento da época.

Rodolfo II nasceu e cresceu durante o período medieval na Áustria, mas foi educado na Espanha, onde recebeu uma austera formação baseada em rígidos dogmas católicos cristãos. Mas o período durante o qual viveu, foi um momento de transição e as portas do mundo moderno estavam sendo irrompidas. Sendo um homem intelectualizado e de livre-pensar, o historiador Peter Marshall aponta que Rodolfo foi um personagem importante para a sedimentação do moderno mundo Ocidental.

Durante seu reinado, Praga atraía grandes mentes da arte e da ciência, mas também era lugar para onde se dirigiam alquimistas, astrólogos, adivinhos assim como viviam conjuntamente católicos, judeus e protestantes. Diante de

tanta pluralidade, Praga se tornou um lugar vibrante onde a diversidade se manifestava com naturalidade. Através dos capítulos, o autor procura dar ênfase a estes artistas, astrônomos e alquimistas que foram destaque na corte de Rodolfo II, personalidades importantes que tiveram seus nomes perpetuados ao longo do período Renascentista.

Durante sua vida adulta, Rodolfo II vivia a maior parte de seu tempo recluso no seu castelo, nas colinas de Hradčany, onde construiu um estúdio bem equipado para os artistas os quais acolhia, bem como um laboratório para seus alquimistas trabalharem em busca da Pedra Filosofal. Dentre os artistas os quais conviveram com Rodolfo, tem destaque o milanês Giuseppe Arcimboldo (1526 – 1593), cuja principal característica era pintar os objetos do mundo natural, sobrepondo frutas, vegetais, livros, etc, para compor suas gravuras. Arcimboldo pintou o próprio Rodolfo II como *Vertumnus*, o irmão de Hermes, pai da alquimia: *“Longe de simplesmente fazer uma piada, Arcimboldo queria glorificar seu patrão como o protetor das artes e da ciência”* (p. 66). Giuseppe ao retratar Rodolfo II através dos elementos do mundo natural, denotava que o Imperador não governava somente seus súditos, mas também os elementos da natureza, suscitando o eterno ciclo do domínio dos Habsburgos. A arte que se produzia na Praga Renascentista era baseada na observação da natureza, onde não havia separação rígida entre arte e ciência, natural e artificial (p. 75).



Vertumnus, Giuseppe Arcimboldo (1526 – 1593)

Rodolfo II herdou de seu avô, Ferdinand I (1503 – 1564), bem como de seu pai, Maximilian II, o gosto pelas coleções. Rodolfo tinha um cômodo repleto de obras de arte, chamado *kunstkammer*, local não somente de depósito de artefatos múltiplos, mas um compêndio da natureza materializada em suas diversas manifestações: havia desde pássaros e animais empalhados do mundo inteiro, assim como inúmeras pinturas, joias, amuletos, armas e também diversos instrumentos científicos, astronômicos e musicais. Afirmava-se que havia até a redução de um dragão, mas era certo que o recinto abrigava mais de 2.600 livros e inúmeros objetos de arte. Além de astrolábios, globos terrestres e quadrantes, havia também diversos manuscritos, tendo destaque *De Revolutionibus* de Copérnico, assim como diversos textos alquímicos como *Pimander* de Hermes Trismegisto, *Summa Perfectionis*, de Geber e também o texto de Rober Bacon, *De mirabilis potestade artes et natural* (cf. MARSHALL, 2006, p. 80). Seu grande interesse pelas artes e pela ciência o fez proprietário da maior coleção da Europa durante seu tempo:

“Sua paixão pela arte estava intimamente conectada com sua paixão pela ciência. (...) ele queria penetrar além das aparências e obter a visão da natureza última do universo; assim, seu interesse em ciências arcanas, misteriosas, secretas como alquimia e astrologia, o oculto, a magia e de outras artes especulativas. Ele não queria menos que resolver o enigma da existência, predizer o futuro e achar a chave para a imortalidade” (p. 86).

Sua coleção não era um recinto de objetos a serem contemplados, mas era algo vivificante, que influenciava aqueles que estavam envolvidos em sua aura. Com sua coleção, o Imperador confirmava que o universo não era formado por elementos díspares, mas que o cosmos era uma unidade sob uma diversidade física.

Neoplatonismo, Hermetismo e Cabala

Marshall aponta as principais correntes filosóficas que influenciaram Rodolfo II, bem como todo o seu círculo de pensadores e artistas, os quais foram além da filosofia escolástica: o neoplatonismo e o hermetismo. As novas

correntes que tramitavam naquele foram elaboradas por textos trazidos após a queda de Constantinopla pelos turcos em 1453. Tais manuscritos seriam *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto e textos de Platão, que foram traduzidos do grego para o latim por Marsilio Ficino, a mando dos Médici. Os textos herméticos expunham uma visão heliocêntrica do universo, ideia através da qual daria vãs a teoria heliocêntrica de Copérnico. Rodolfo II tinha em sua coleção a tradução *Pymander*, do *Corpus Hermeticum*, o qual revela a visão das correspondências e unidade entre as coisas:

*“O ser humano é uma grande maravilha, um ser vivo a ser adorado e honrado (...). Estudando o homem, a gente pode entender o universo, e entender o homem, Desde que o Deus invisível está revelado na natureza visível, através da exploração da matéria, a gente pode ver a luz divina. Os céus além do mais, espelha a terra: **como acima, como abaixo**. Isso segue o fenômeno que estão interconectados e se correspondem”* (p. 90, grifo nosso).

Outra tradição muito forte entre aqueles que figuravam no círculo de Rodolfo II era o conhecimento esotérico judaico: a cabala. Havia anotações de 1600 (cf. MARSHALL, 2006, p. 92), de que o Imperador estava à procura de uma cópia da *Sefer Yetzirah*, um remoto manuscrito da filosofia cabalística judaica. Rodolfo II era muito próximo da comunidade judaica, assim como seu pai Maximilian II, o qual revogou as ordens de expulsão dos judeus de Praga a mando do avô do Imperador, Fernando I. Este período durante o qual a comunidade judaica viveu sob a proteção dos Habsburgos, foi considerado a Era de Ouro dos judeus, sendo Praga considerada a mãe de Israel.

Um dos principais líderes que tiveram forte influência sobre Rodolfo II, foi Rabino Judah Loew, o qual afirmava que a *Torah* estava acima de qualquer conhecimento. Segundo ele, através da *Torah* é possível contemplar o mundo visível e invisível, de modo que, segundo o rabino, seria possível conciliar as duas visões que permeiam a realidade humana: o conhecimento horizontal baseado na ciência e na criatividade e o conhecimento vertical, através da revelação da verdade divina. Quando Judah Loew fez um discurso no dia da Expição evocando a necessidade de todas as religiões trabalharem conjuntamente em nome da paz mundial, Rodolfo II ficou profundamente

inspirado e convidou o Rabino ao seu Castelo, para o iniciar nos conhecimentos ocultos e esotéricas da cabala (cf Marshall, p. 95).

Magia, Alquimia e Astrologia

O autor não nega esforços em demonstrar o fascínio de Rodolfo II pela filosofia oculta. A magia podia ser compreendida como uma tradição alinhada aos poderes místicos e que, portanto, sujeita a ser perseguida pela Igreja Católica e Protestante. No entanto, durante a Idade Média e na Renascença, a magia estava mais próxima da ciência, e era entendida como “magia natural”, justamente por reunir o conhecimento do mundo natural. A base dos milagres dos magos era fruto do conhecimento da natureza, bem como do entendimento da essência das coisas. Mas também havia uma magia ritual ou teurgia, a qual remetia ao auxílio dos *demons*, figuras do mundo espiritual, bem caracterizada no mito de *Fausto*, personagem que era auxiliado por entes espirituais. Inclusive a lenda de *Fausto* afirma que ele vivia na rua Melantrichova, na cidade de Praga. A alquimia e a filosofia oculta também eram consideradas magia, pois abarcavam a utilização de números, imagens e símbolos.

Dentre os principais magos da época, Cornelius Agrippa foi um dos mais importantes, o qual compilou o *De Occulta Philosophia*. Agrippa acreditava nas virtudes escondidas das coisas e apontava que existia três manifestações da magia: a natural, a celestial e a cerimonial. A magia natural seria aquela mais próxima do mundo das coisas naturais. Agrippa sempre afirmava que através de seu conhecimento, o mago podia acelerar a passagem do tempo, o que para o homem de senso comum seria um milagre, mas que na realidade eram resultados de operações naturais. Dentre essas forças da natureza estavam incluídas a gravidade, o magnetismo e a ressonância. Mas Agrippa afirmava que existia também a magia dos *demons*.

A maior influência de Agrippa para escrever *De Occulta Philosophia*, foi *Picatrix*, um texto traduzido do árabe para o latim no século X, pelo alquimista Al-Majriti (950 – 1007), cujo conteúdo continha os segredos dos talismãs do Egito Antigo, dos caldeus e dos hebreus. Através dos talismãs e dos conhecimentos da simbologia antiga, a magia prometia uma ligação entre o mundo natural e o espiritual e esse conhecimento fascinava Rodolfo II:

“Embora pudesse ser banido pela Inquisição, Rodolfo cuidadosamente seguiu suas instruções de como desenhar essas energias através do uso de talismãs e encantar para ter proteção para si dos inimigos e para curar suas lutas contra a melancolia” (p. 102).

Além da magia, Rodolfo tinha fascinação pela alquimia e pela astrologia. A alquimia era uma ciência cujo anseio era a transformação dos metais, mas que transmutava juntamente o praticante da Grande Obra. Era uma arte material e espiritual. Rodolfo II sempre esteve em contato com a alquimia, seja através da biblioteca de seu pai em Viena ou do seu tio Felipe II, em Madri, assim como de seu médico particular, Dr. Tadeás Hájek, cujos conhecimentos abrangiam desde a arte mágica até a filosofia oculta. Tadeás ensinou as artes alquímicas para Rodolfo II e sua casa, situada na *Old Town* de Praga, era lugar de encontro de cientistas, astrólogos, físicos, bem como dos alquimistas. O Imperador também tinha um laboratório situado na parte Norte de seu Castelo em Praga, onde recebia diversos alquimistas que se utilizavam dos atanores e alambiques, os quais eram empregados para o preparo de diversos remédios e elixires. Rodolfo não estava sozinho na sua fascinação pela alquimia pois, diversos nobres e reis também tinham interesse e praticavam a alquimia. Mas a singularidade da corte de Rodolfo, a qual Peter Marshall sempre reitera em seu livro, consistia que ciência, arte, magia alquimia, razão e religião viviam num convívio perfeito e inseparável.

A importância da astrologia também era muito evidente na corte de Rodolfo II, pois através dela era possível determinar as melhores conjunções astrais para seus procedimentos privados assim com utilizados em assuntos do Estado. Estar ciente do posicionamento dos planetas era muito propício para o melhor momento para a aplicação de um medicamento. Paracelso se destaca entre as principais figuras da época que praticavam a alquimia nos procedimentos médicos. Segundo ele, o mundo era formado por três princípios, a *Tria Prima*, formada de sal, mercúrio e enxofre. O médico seria o alquimista que procura restabelecer o equilíbrio destes três princípios no corpo humano. Paracelso também acreditava na correspondência entre céu e terra e dizia que

o homem é o microcosmo e o plano celestial o macrocosmo. Assim, o Sol correspondia ao coração, a Lua o cérebro e Mercúrio o fígado.

Desta forma, todos aqueles que coadunavam com o hermetismo, o neoplatonismo, a cabala, a alquimia, astrologia, enfim, todo um conhecimento que não correspondia com a essência da escolástica medieval, eram perseguidos pela Igreja e pelo Estado, mas acolhidos na corte de Rodolfo II. Para lá se dirigiam aqueles que buscavam os segredos da natureza e a busca da verdade, indo além do pensamento permitido. Rodolfo II era adepto daqueles na Renascença que acreditavam que a verdade se exprimia na arte e a arte era reflexo da verdade:

“Como o mundo ameaçava cair no caos da discórdia religiosa, ele esperava recriar a beleza do mundo em harmonia baseado na ciência sagrada e nos antigos. Ainda por toda sua crença em milagres e em maravilhas, Rodolfo estava longe de ser uma relíquia do passado. Ele era fascinado pelas reivindicações da magia, da alquimia e a da astrologia, mas era também interessado na emergência da ciência da medicina química e na astronomia matemática” (p. 108).

Marshall prossegue dando destaques a figuras importantes que fizeram parte do círculo de Rodolfo II e dentre as principais personalidades que participaram de seu círculo se destaca a figura do matemático, astrólogo e alquimista inglês, John Dee (1527 – 1608). Dee foi astrólogo pessoal da Rainha Elizabeth I (1533 – 1603) e escreveu em 1564, *Monas Hieroglyphica*, um tratado sobre alquimia espiritual que dedicou ao pai de Rodolfo, Maximilian II. Nele continha uma ironia que dizia: *Qui non intelligit, aut toceat, aut discat: aquele que não compreende deve permanecer silencioso ou aprender* (apud. Marshall, 2006, p. 113). Dee tinha como secretário pessoal, Edward Kelley (1555 – 1597), e ambos se apresentaram em Praga em agosto de 1584. Peter Marshall procura em seu livro apontar o quanto a Igreja Católica se sentia incomodada com a presença de Dee junto ao Imperador do Sacro Império Romano, justamente quando o protestantismo era uma ameaça na Europa. Rodolfo foi avisado por Filipe II da Espanha que talvez Dee fosse um espião da Rainha Elizabeth, com a incumbência de propagar o protestantismo. Acusados de necromancia e

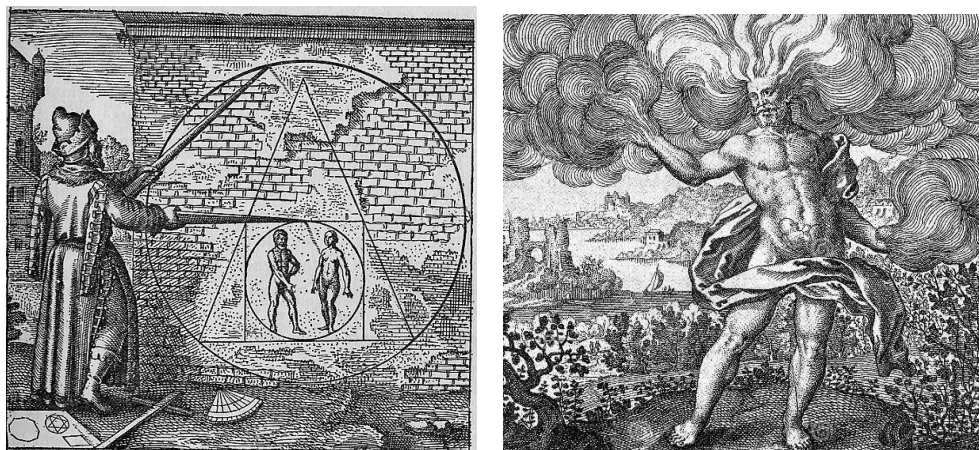
envoltos em situações obscuras, Rodolfo foi obrigado a afastar Dee e Kelley de Praga.

Embora expulso de Praga e não dando continuidade na sua tentativa de reforma moral e espiritual através da alquimia, Dee ainda assim foi muito importante na Europa Central, implantando naquela região o movimento Rosacruz. Kelley por sua vez retornou para Praga em 1589 e se tornou alquimista real, conseguindo a façanha da transmutação de metais em ouro, mesmo em pequenas quantidades, o que lhe garantiu, por parte de Rodolfo II, o título de *Cavaleiro Dourado*. No entanto, a figura de John Dee, mesmo sendo obscurecida durante sua época, foi se confirmando como o verdadeiro mago enquanto a personalidade controversa de Kelley ficou mais associado na história como o charlatão, ou assoprador, como se nomeia os falsos alquimistas.

Rodolfo II acolheu muitos outros alquimistas em sua corte, os quais encontravam no seu reinado uma atmosfera de certa liberdade. Por ser patrono desta arte, Rodolfo foi considerado o Hermes Trismegisto da Renascença e seu interesse pela alquimia não se devia somente pela ânsia por ouro, pois já o possuía em demasia, mas pela capacidade de iluminação espiritual que a grande obra era capaz de despertar ao praticante: *“Era esta única combinação de ciência e arte, religião e filosofia, profecia e beleza que fez da alquimia tão interessante para ele”* (p. 129), reitera Marshall.

Dentre os principais alquimistas que estavam no círculo de Rodolfo II, destaca-se a figura de Michael Maier (1568 – 1622), que também era filósofo e médico. Maier fez seu doutorado em medicina na cidade de Basle e depois se dirigiu a Praga, tornando-se secretário particular de Rodolfo. Como alquimista e religioso, Maier considerava a Eucaristia uma transformação alquímica. Escreveu *Arcana Arcanissima* e *Atalanta Fugiens*, ambos tratados sobre segredos alquímicos: *“Atalanta Fugiens oferece um maravilhoso sumário da alquimia da Renascença com sua combinação única de experimentos práticos e entendimento espiritual, e demonstra como a arte e a ciência combinadas podem resultar num grande efeito”* (p.134).

Maier foi um importante nome do movimento Rosacruz, tentando implantar uma reforma moral e social através dos princípios da tradição hermética, contribuindo para que seu legado seja lembrado como aquele que trouxe arte, ciência, religião e filosofia para o reino de Rodolfo II.



Michael Maier – *Atalanta Fugiens*

Embora os registros de Rodolfo II não apontem que ele tenha encontrado a Pedra Filosofal, todos seus esforços não podem ser ignorados frente a importância de seus alquimistas, que trabalharam no intuito de forjar os parâmetros da ciência moderna através de seu trabalho experimental, ajudando desta forma, na fundamentação da Revolução Científica do século XVII:

“Enquanto seu trabalho estava enraizado na visão do mundo medieval, os últimos pensadores medievais que vieram à Praga de Rodolfo desenvolveram novos métodos de experimentação e observação os quais viam os primeiros vislumbres do empirismo e do moderno método científico. Embebidos em alquimia, eles eram os pais da moderna química da medicina, acreditando na astrologia, eles criaram uma nova astronomia” (p. 109).

Giordano Bruno (1548 – 1600) também foi uma figura de destaque no círculo de Rodolfo II. Nascido em Nola na Itália, aos quinze anos se tornou frade dominicano, mas após apoiar a visão heliocêntrica de Copérnico, foi acusado de heresia, ocasião em que foi obrigado a abandonar o hábito. Escreveu *De Umbris Idearum* em 1582 e sua filosofia apontava que a verdadeira religião era a filosofia hermética e principalmente a religião egípcia, a qual afirmava que Deus é o Todo em Tudo. Giordano Bruno afirmava que os ensinamentos herméticos estabeleceram os princípios de todas as religiões e que seus preceitos fazem parte da composição da religião judaica-cristã. Alegava que a cruz cristã era um símbolo venerado desde os antigos egípcios. O Vaticano esteve sempre no encaço de Bruno devido às suas declarações heréticas. Afirmava em seu

escrito, *De l'infinito, universo e mondi* (1584), que não só a Terra girava em torno do Sol, mas que tudo se movia no universo.

Giordano Bruno declarava que com sua própria memória, os magos poderiam ter acesso aos segredos do universo e que o segredo para a retenção da memória estava na imaginação: *“Assim como a Mente de Deus está presente na mente dos humanos, é possível redescobrir as verdades divinas”* (p. 140).

Bruno foi em direção a Praga na busca de ares mais auspiciosos para a sua filosofia. Lá escreveu *On the Calculatiom and Combination according to Ramón Lull* (*Sobre cálculo e combinação de acordo com Ramón Lull*), no qual apresenta um método de memória onde se organizava diferentes apontamentos em seis círculos concêntricos, de modo que quando as rodas girassem, era possível compor diferentes conhecimentos. Esse método posteriormente foi utilizado pelo filósofo alemão, Gottfried Leibniz (1646 – 1716), que a partir dos ensinamentos de Bruno, foi capaz de construir uma primitiva máquina de calcular que depois se tornaria o protótipo dos computadores. Bruno também foi precursor de Hegel, na medida em que afirmava que a realidade aflora a partir da combinação dos opostos, afirmação essa a qual Peter Marshall observa que: *“o início da ciência moderna e da filosofia emergiu de uma forma mística e oculta dos matemáticos medievais”* (p. 142).

Giordano Bruno foi um mago hermético, afirmava que o universo era um ser vivo e coaduna com a religião dos egípcios, que declaravam que o Um é o Todo, além de apoiar de forma incondicional a visão heliocêntrica de Copérnico. Em virtude de sua crença, foi julgado como herege e morto pela Inquisição em 17 de fevereiro de 1600. Peter Marshall aponta que Bruno, considerado um mago, foi, no entanto, um mártir da ciência moderna, pois sua defesa da filosofia hermética fez propagar uma nova cosmologia, que se manifestou completamente científica.

Praga se tornou o centro científico da Europa naquela época, tendo destaque também a astronomia, como uma das principais ciências que vigorava durante aquele período. Rodolfo II tinha interesse na astrologia, pois através dela era possível fazer alguma projeção para o futuro, sendo de muito auxílio para um governante da envergadura de Rodolfo. Um dos principais astrônomos que Rodolfo II teve ao seu alcance foi o dinamarquês, Tycho Brahe (1546 – 1601). Tycho sempre acreditou na influência dos corpos celestiais sobre a Terra e

aceitava a visão de Copérnico segundo a qual o Sol, e não a Terra, estaria no centro do universo. Foi um grande astrônomo observacional, um dos últimos a trabalhar sem telescópio e também praticava a alquimia com fins medicinais. Era protegido do rei da Dinamarca, Frederico II (1534 – 1588), mas quando este veio a falecer se dirige a Praga, tornando-se parte integrante do círculo de Rodolfo II, como aquele que também compartilhava dos interesses racionais bem como do miraculoso, apoiando-se na matemática, mas também na religião.

Como sucessor de Tycho Brahe, tem destaque o astrônomo alemão Johannes Kepler (1571 – 1630), que também fez parte do círculo de Rodolfo por cerca de vinte anos. Escreveu *Astronomia Nova* em 1609, estabelecendo as bases da nova astronomia moderna, tendo como alicerce os conhecimentos de Tycho Brahe. Kepler procurava entender o movimento do universo e para isso formulava novas leis físicas. Kepler foi um dos primeiros astrônomos modernos, mas também aceitava a astrologia entendida como influência dos corpos celestes nos indivíduos, através da radiação que os mesmos emitiam. Coadunava com o hermetismo, a correspondência entre o macro e o microcosmo assim como na existência da Simpatia Universal, bem como na crença de que cada alma individual faz parte da Alma do Mundo.

Em seu livro *Astronomia Nova*, Kepler anuncia que além da Terra girar em torno do Sol, o faz através de um movimento elíptico, sendo que a velocidade da Terra é inversamente proporcional à distância do Sol. Isso foi resultado de uma observação muito aguçada de Kepler, superando a visão segundo a qual o movimento dos planetas deve ser baseado em círculos, como sinal de harmonia perfeita do Cosmos. Através de sua observação, conseguiu demonstrar que os movimentos dos corpos na Terra eram os mesmos dos corpos celestes:

“Rodolfo sonhava com seu grande Plano de construir uma aliança entre estados Europeus baseados numa regeneração moral e espiritual trazidos pela sabedoria Hermética que poderia oferecer liberdade de consciência e pensamento” (p. 186)

Declínio e ascensão de uma Nova Era

Quando Rodolfo II atinge quase meio século de vida, Peter Marshall sugere que o avanço da idade o faz ter uma crise existencial e sua crise interna reflete em todo o cenário social. O clima de otimismo e confiança que se instaurou durante o período da Renascença foi dando lugar para um sentimento de dúvida e apreensão. A visão orgânica e holística do mundo foi dando lugar para uma visão mais mecânica da realidade, base para a Revolução Científica. Talvez a melancolia de Rodolfo II fosse reflexo de um mundo onde o livre pensar e os buscadores das verdades invisíveis, eram cada vez mais perseguidos pelo Vaticano. Sua profunda depressão também poderia ter sido reflexo da sua frustração de não ter tido a chance de ter alcançado a Pedra Filosofal, com a qual poderia ter transformado sua realidade em ouro, bem como realizar o sonho de renovação moral e espiritual da coletividade e assim poder contribuir para um mundo mais harmonioso.

No final de sua vida, Rodolfo II se torna excêntrico e depressivo, recluso em seu castelo, temendo por conspirações contra sua vida. Essa melancolia não coadunava com a Idade de Ouro com a qual ele construiu em Praga durante seu reinado no século XVI. Talvez porque os buscadores de uma verdade mais profunda, bem como aqueles que advogavam por uma investigação livre, como o próprio Rodolfo, aponta Marshall, tenham sido fortemente perseguidos pelas instituições eclesiásticas, fomentando um mundo onde a intolerância e o conflito social começaram a imperar. Mas independente dos rumos da história, Rodolfo II e Praga se tornaram baluartes de um momento em que o mundo foi ambivalente, multifacetado, instigante, onde a tolerância intelectual contribuiu para forjar um lugar que se tornou o centro artístico e científico de uma época. Através de sua obra, Peter Marshall nos elucida a importância dos governantes que promovem a liberdade de expressão e de investigação.